



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MATEUS RODRIGUES JORGE

**“O COLÉGIO ESTADUAL DR. RAIMUNDO ALVES TORRES, NA
PERSPECTIVA DE SEUS AGENTES” - BREVES NOTAS SOBRE O FAZER
ANTROPOLÓGICO”**

VIÇOSA – MG
2022

MATEUS RODRIGUES JORGE

**“O COLÉGIO ESTADUAL DR. RAIMUNDO ALVES TORRES, NA
PERSPECTIVA DE SEUS AGENTES” - BREVES NOTAS SOBRE O FAZER
ANTROPOLÓGICO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito à obtenção do título de bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Sandro Martins de Almeida Santos

Co-Orientadora: Maria Isabel Cardozo da Silva Bueno

**VIÇOSA – MG
2022**

> “O Colégio Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, na perspectiva de seus agentes” - Breves notas sobre o fazer antropológico

Mateus Rodrigues Jorge

>mateus.jorge@ufv.br

**Graduando em Ciências Sociais
Universidade Federal de Viçosa**

Amanda Rocha

**Graduanda em Ciências Sociais
Universidade Federal de Viçosa**

“O Colégio Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, na perspectiva de seus agentes” é uma produção dos estudantes Mateus Rodrigues Jorge e Amanda Rocha, graduandos em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), resultado das discussões, orientações e reflexões oriundas da disciplina Etnografia e Métodos, ofertada no referido curso pela Professora Dra. Maria Isabel, entre agosto e dezembro de 2019.

Uma das atividades avaliativas da disciplina consistia na elaboração de uma etnografia. Neste período, o primeiro graduando mencionado cumpria estágio obrigatório na Escola Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, um dos maiores colégios estaduais da cidade e, também, um dos mais próximos da Universidade Federal de Viçosa - a instituição que movimenta o município economicamente, politicamente e socialmente.

Em *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*, Vagner Gonçalves da Silva (2000) dedica um capítulo à reflexão sobre a chegada do pesquisador ao campo. O livro trata especificamente de etnografias realizadas em terreiros, mas certas reflexões permitem pensar a entrada do antropólogo independentemente do campo, guardadas as devidas especificidades. Em meu caso, não precisei “chegar ao campo”, pois a minha entrada como estagiário já havia sido legitimada meses antes, e a etapa de convite e aceite dos entrevistados para a pesquisa ocorreu sem problemas.

Vagner argumenta que os artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que envolvem trabalhos etnográficos, devido a uma tradição inaugurada por Malinowski, não explicitam ou omitem conscientemente o percurso traçado até a finalização do trabalho. Em outras palavras, apenas o que temos acesso, a etnografia escrita, representa uma percepção do antropólogo sobre o campo, sem mencionar as contradições, conflitos e relações desenvolvidas ao longo de todo o campo.

Em vista disso, apresentarei a seguir as etapas que segui para realização desse trabalho, passando por sua concepção, convite aos entrevistados e formatação do filme. Além disso, disponibilizarei as perguntas que orientaram as entrevistas, bem como as gravações completas de todos os participantes.

A cidade de Viçosa, localizada na Zona da Mata Mineira, possui aproximadamente 70 mil habitantes, sendo que a população flutuante é de 20 mil pessoas - movimentadas, sobretudo, pela Universidade. É discurso comum entre os militantes do movimento estudantil (dentre os quais me incluo) que grande parte da população viçosense não usufrui dos benefícios que essa instituição de ensino superior proporciona à cidade, como o lazer, os espaços culturais, além é claro, do próprio ensino de qualidade. Procuro abordar a relação entre a Universidade e o colégio Estadual Dr. Raimundo Alves Torres quando pergunto aos entrevistados “Qual é a distância entre a Universidade e a escola?”

Analisando retrospectivamente, observo que a forma como elaborei a pergunta é tendenciosa, pois pressuponho que exista uma distância entre os estudantes de uma escola pública e suas chances de ingresso numa instituição federal. No entanto, me surpreendi com várias respostas dos estudantes e dos funcionários da escola, que contrariaram minha expectativa.

Ruth Cardoso (1986), em um texto célebre sobre a metodologia na pesquisa de campo esboçou uma excelente reflexão sobre “as armadilhas do método”, na qual a situação citada acima pode ser enquadrada:

o objeto do conhecimento é aquilo que nenhum dos dois conhece e que, por isso mesmo, pode surpreender. Logo, a novidade está na descoberta de alguma coisa que não foi compartilhada e não - como quer a noção usual de empatia - na comunhão (CARDOSO, 1986, p.103).



Após a concepção da ideia, o primeiro movimento foi a elaboração de um documento para autorização do uso de imagem e som, com uma carta explicitando os objetivos do trabalho, em que tentava tornar minha proposta compreensível aos entrevistados. Cabe mencionar que, nesse texto, adicionei que a minha contrapartida à escola e aos entrevistados seria a de disponibilizar o produto final para cada participante do filme, além de realizar uma exibição na escola.

Em seguida, valendo-se da inserção no campo permitida pelo estágio, apresentei a proposta a Leonardo Martins Dias (estudante do primeiro ano), Maria Luísa (Estudante do segundo ano), Diogo Antônio Ribeiro Martins (Estudante do segundo ano), Gláucia Martins Laureano (Especialista da educação básica), Silvia Rogéria Sangoleti Bellato (Diretora), Lilian Martins Vieira Peres (Vice-diretora), Bartomélio da Silva Martins (Professor de Sociologia) e Ana Mendes Ferreira Peres (Merendeira) os quais havia estabelecido uma relação de proximidade. Em virtude dessa convivência, convidei-os a participar de uma produção fílmica.

Marco Antônio Gonçalves e Scott Head (2009) buscaram em *Confabulações da alteridade: Imagens dos outros (e) de si mesmos*, contribuir com o debate antropológico contemporâneo sobre o *fazer etnográfico*, especialmente nas discussões sobre a representação do *outro*. Busco, neste filme etnográfico, romper com as pesquisas antropológicas tradicionais, poisas pessoas historicamente restritas à condição de *objetos* tornam-se *sujeitos*, na medida em que eles que relatam suas histórias e expressam suas ideias personificadas em voz, trejeitos e performances.

Antes das entrevistas, apresentei o roteiro de perguntas aos entrevistados. Cabe mencionar que, as mesmas questões, disponibilizadas na sequência, foram feitas a todos os participantes, com exceção da terceira pergunta, direcionada apenas às pessoas que já haviam concluído sua formação e estavam na escola na função de trabalhadores, e não de estudantes.

- 1) Apresentação do entrevistado, como nome, idade, trajetória de vida (formação) e tempo na escola.
- 2) O que é a escola pra você?
- 3) O que mudou na escola na época que você estudava e agora?
- 4) Qual é a distância da escola pra Universidade?
- 5) O que há de bom na escola? E quais são os pontos negativos?
- 6) Há esperança na escola?





> proa | galeria
prêmio mariza corrêa 2020

> Concurso ao Prêmio Mariza Corrêa de Antropologia Visual 2020

Comissão avaliadora:

Brunela Succi

João Custódio

Isabela Cassis Augusto

Natalia Negretti

João Bardy

É com muito entusiasmo que apresentamos o resultado de mais uma edição do *Prêmio Mariza Corrêa*. Como estratégia para congregar as duas principais iniciativas dos alunos do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Unicamp - as *Jornadas de Antropologia John Monteiro*, e a *PROA: Revista de Antropologia e Arte* - este certame acontece desde 2017 e consiste na seleção de um trabalho de cada uma das modalidades de mostras artísticas das *Jornadas* - Ensaio Visual e Ensaio Audiovisual - para a publicação no número subsequente da Revista. Para tanto, a cada ano se forma uma nova Comissão para a avaliação dos trabalhos concorrentes ao Prêmio, geralmente composta por dois ou mais membros do Comitê Editorial da *PROA* e dois ou mais integrantes da Comissão Organizadora das *Jornadas* de cada ano e que, contudo, se abstêm de concorrer.

Tendo como objetivo principal fomentar o debate em torno das mais variadas formas em que o conhecimento antropológico se apresenta e se produz, o edital de convocação à apresentação de trabalhos para as mostras artísticas das *Jornadas* de 2020 propôs, em sua curadoria, acolher e expôr trabalhos que borrassem fronteiras do que se entende tradicionalmente como escrita etnográfica. Partindo da premissa de que a narrativa

através de e com imagens permite o despertar de sensações distintas, a transmissão de afetos por canais outros, e a dissociação multiplicadora entre signos e seus significantes, a mostra de 2020 trouxe a público 11 ensaios visuais e 4 produções fílmicas que representam, cada uma à sua maneira, o esforço contínuo de desenhar, representar, etnografar, e colocar em diálogo as imagens, como efeitos, mas também dispositivos de produção de relações e afetos de seus respectivos campos.

Desde 2020, a pandemia da Covid-19 vem aprofundando as dificuldades que o desempenho do trabalho intelectual e acadêmico já vinha padecendo com os ataques à ciência, às artes e à cultura testemunhados nos últimos anos. À escassez de recursos e financiamentos, ao adoecimento, às mortes, ao caos e à incapacidade dos governos de lidarem na crise, somaram-se o isolamento social, a sobrecarga de trabalho no espaço doméstico, as dificuldades técnicas e de acesso a tecnologias que nos permitissem seguir com atividades cruciais às nossas pesquisas. Os quinze trabalhos participantes da Mostra das Jornadas 2020 mostraram, contudo, que antropólogos e artistas vêm driblando as intempéries com ainda mais criatividade e excelência. A própria realização das exposições e dos debates com autores em formato virtual e transmitidos ao vivo por *streaming* - sem prejuízo do rigor técnico e da coerência teórica e metodológica - sinalizam e consolidam o inquebrantável compromisso ético e político da antropologia com a sociedade, com a pesquisa científica e com a universidade pública.

As sessões de apresentação dos ensaios participantes do Prêmio Mariza Corrêa de 2020 ocorreram entre os dias 23 e 26 de novembro do mesmo ano, no canal do PPGAS Unicamp IFCH, no YouTube¹. Além da já tradicional Mostra de Filmes, houve sessões de debate sobre os trabalhos inscritos em todas as categorias, incluindo, este ano pela primeira vez, os ensaios visuais. Além de permitirem o diálogo entre a comissão do Prêmio Mariza Corrêa com participantes, as discussões em ambiente virtual ainda representaram uma maior horizontalização e acessibilidade dos espaços de apresentação, reflexão e debate, uma vez que qualquer pessoa com o link e um dispositivo com acesso à internet (computadores, tablets e smartphones) pôde assistir às sessões e estava convidada a dialogar ao vivo com autoras e autores. Além disso, as produções já haviam sido disponibilizadas para o público com alguns dias de anterioridade, através de uma exposição virtual desenvolvida pela comissão das Jornadas com o suporte da Secretaria de Eventos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.²

As discussões fomentadas durante tais sessões, bem como a seleção dos dois trabalhos premiados, se orientaram por algumas questões: como o conjunto das imagens constrói narrativas? Qual o lugar da pessoa fotógrafa/antropóloga/cineasta nos ensaios visuais e cinematográficos? Como a forma e a técnica utilizadas nas fotografias e nos filmes agem a serviço da proposta? Como o conjunto entre formas, técnicas e conteúdos

¹ As sessões de apresentação e debate dos trabalhos participantes da mostra e do concurso ao prêmio de 2020 se encontram no seguinte link <https://www.youtube.com/channel/UCxa-5Y3X-PgFKGdnrSTt1yA/videos>

² A exposição virtual ficou em cartaz de 10/11/2020 a 03/12/2020, mas ainda pode ser acessada, por tempo indeterminado, através do link <https://www.expo.ifch.unicamp.br/portal/premioma-rizacorrea/92>

produz e transmite relações e afetos? A partir de quais lugares as imagens são produzidas? O que estes lugares nos dizem sobre os temas que foram veiculados? Como o ensaio fotográfico e a imagem cinematográfica atingem a proposta do autor em seu texto de apresentação? Como se desenvolve a relação com os interlocutores das pesquisas? Como os interlocutores afetam ou participam da produção visual ou fílmica? Que lugar tem a perspectiva dos interlocutores no produto visual ou audiovisual final?

As 15 produções inscritas na edição do Prêmio Mariza Corrêa de 2020 certamente configuram-se, de diferentes formas e em diferentes medidas, como frutos frescos da tensão entre as teorias e a prática antropológica. Tal feito, por si só, requer dos autores intenso trabalho de reflexão e elaboração das imagens e materiais produzidos em campo, bem como aprofundado conhecimento técnico, teórico e prático, sobre os assuntos apresentados. Além disso, os trabalhos participantes do certame, bem como seus contextos de pesquisa e realização, perpassaram temáticas e realidades muito díspares. Disso já se pode deduzir a dificuldade que tivemos em selecionar apenas um exemplar de cada categoria para esta premiação...

Nesse sentido, o ensaio fotográfico de Maria Isabel Pia dos Santos, *No Dia 8 de Dezembro, Eu Vou Jogar Flores no Mar...* versa sobre a festa de Iemanjá em 2019 na cidade de João Pessoa, Paraíba, e mostra que, mais do que uma homenagem ao orixá, a festa celebra a liberdade religiosa de que se goza naquela cidade há apenas poucas décadas. As sensíveis fotografias em preto e branco de autoria de Paula Affonso de Araujo Silva que compõem *Terra e Mar na Baía dos Castelhanos, Ilhabela* falam sobre a sobrevivência de técnicas de pesca centenárias e o respectivo modo de vida que sustentam, a partir do cotidiano de três comunidades de pescadores e de sua sobrevivência à exploração de petróleo por grandes empresas na Ilha de São Sebastião, São Paulo. *Cidade de Giz: Ensaio Gráfico*, de Jeferson Carvalho da Silva, se utiliza do desenho com giz para costurar sentidos e símbolos ao tecido urbano de Viçosa, Minas Gerais. Já o trabalho de Bárbara Rossin Costa, que também não consiste de fotografias, *As Linhas da Demência: Desenhando Memórias, Artefatos e Experiências*, traz o desenho como “um de modo de ver com o corpo” e como forma de escritura de relações que só acontecem através dos sentidos háptico e óptico, no trabalho de campo sobre processos demenciais.

Em *Retomada Pitaguary*, de Alex Hermes, temos a potência das articulações entre indígenas e seus aliados na reversão da ordem de reintegração de posse das terras da aldeia Monguba, no Ceará. Através das imagens da *Festa de Nossa Senhora do Rosário*, Alejandro Escobar Hoyos mostra a força da presença e da identidade negras na região do tricentenário Quilombo da Boa Vista do Negros, em Parelhas, Rio Grande do Norte. Partindo de um sujeito não tão convencional, Maysa Mayara Costa de Oliveira, em *A Ponte: Espaço de Conexões e Sociabilidades*, mostra como este equipamento urbano é atualmente capaz de materializar a fusão de realidades tão contraditórias quanto o passado e futuro, o antigo e o moderno, o campo e a cidade, no coração da capital São Luís do Maranhão.



Também enfocando o espaço urbano, o ensaio *Deixa Gente Viver*, de Larissa de Rezende Tanganelli, narra o cotidiano da pandemia de Covid-19 em seus primeiros meses no centro de São Paulo, capital, e utiliza as imagens para interpelar as sensibilidades coletivas a respeito das articulações nefastas entre as dinâmicas de infecção viral e as tecnologias de governo que modulam os deslocamentos ou permanência nas ruas, e o viver ou morrer de diferentes categorias sociais. Em *A Potência do Corpo-Território: 1ª Marcha das Mulheres Indígenas*, Jaqueline de Araújo Vieira documenta a histórica Marcha das Mulheres Indígenas, realizada em agosto de 2019 em Brasília junto à já tradicional Marcha das Margaridas. *As Oleiras de Santiago Norte*, de Vinícius Venancio de Sousa, foi o ensaio escolhido para a Menção Honrosa desta edição do Prêmio, e fala da centralidade da atividade ceramista das mulheres nas ilhas do país-arquipélago de Cabo Verde, explorando as pontes entre técnicas manuais, fluxos migratórios e turismo. Ao colocar a atenção sobre as contradições do tempo, visto como fluxo dinâmico entre o movimento e a estaticidade, o ensaio ainda põe em relevo uma espécie de memória da mulher-terra, que se funda na intensa relação entre as mulheres e o trabalho, e ainda povoa imaginários (nos termos de Michelle Perrot, 2017) sobre a feminização da terra.

Finalmente, o trabalho premiado na categoria Ensaio Visual e publicado no presente volume, *Carnaubal*, de Lucas Coelho Pereira, mostra as porosidades decorrentes do complexo encadeamento do preparo e manuseio de folhas da carnaúba, de sua diferenciação, e da elaboração dos complexos saberes envolvidos no processo de aproveitamento da planta. Os percursos daí depreendidos revelam temporalidades e formas de existência que se encontram no campo-chave da produção visual. Tal produção, por sua vez, dá lugar à reunião de histórias humanas e não-humanas, compondo-se como um registro visual de uma perturbação particular, ao mesmo tempo em que põe em evidência os percursos de uma natureza que é, a um só tempo, palavra de luta e ferramenta (TSING, 2019). É também desta convivência que as folhas vegetais e os gestos deste trabalho se misturam a percursos, como folhas escritas, de debates antropológicos concernentes à agência mais que humana.

Embora o número de Ensaio Audiovisuais fosse menor, a diversidade temática também fez-se sentir na mesma medida. O primeiro deles, *Recampesinización/ Voltar ao campo*, de Alejandro Escobar, aborda uma experiência de reparação a vítimas dos deslocamentos forçados em Cairo, nos Andes colombianos. A "recampesinización" ou "restituição de terras" é uma das iniciativas propostas pelo estado nacional para lidar com as consequências dos conflitos históricos que assolam a Colômbia. Já o curta metragem *Loss e Renam: Etnobiografias de artistas urbanos*, é um trabalho do Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Navisual/PPGAS/UFRGS) e produto de uma experiência coletiva proposta em uma oficina com alunos de antropologia da universidade e artistas urbanos locais. Além de abordar as relações entre arte e espaço urbano, a produção ainda explora, de maneira prática, o conceito de etnobiografia, e deixa entrever alguns dos conflitos e disputas que permeiam as trajetórias de artistas urbanos de diferentes classes sociais e gêneros.



O instigante ensaio de Noah Mancini, *Socialights | Jorge Lafond*, reúne materiais de diferentes fontes e épocas sobre o ator Jorge Lafond e sua popularíssima personagem, Vera Verão. Ao mostrar a indissociabilidade entre criador e criatura, ator e personagem, Lafond e Vera, o ensaio não somente aponta para um emaranhado de questões, clássicas da antropologia, em torno da constituição da pessoa, do gênero, da raça e da sexualidade que modularam a carreira, o sucesso e o declínio da saúde física e psíquica de Lafond em seus últimos dias, mas também propõe uma reflexão intensa sobre a midiaticização da vida, as redes sociais e, em especial, a televisão, que aqui se insere como uma personagem central da teia. Certamente, a sagacidade desta espécie de documentário-arquivo-colagem audiovisual produzida por Mancini através da garimpagem minuciosa na internet, seguida da edição e da montagem de vídeos, entrevistas, programas de fofocas, frivolidades múltiplas e excertos de espetáculos, asseverou a nossa dificuldade de escolha consensual do vencedor do prêmio, e terminou valendo a Menção Honrosa de 2020.

Finalmente, a produção premiada na categoria de Ensaio Audiovisual foi *O Colégio Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, na perspectiva de seus agentes - Breves notas sobre o fazer antropológico*, de autoria de Mateus Rodrigues Jorge e Amanda Rocha. O trabalho elucida diálogos entre e sobre instituições, e produz um interessante jogo de perspectivas no que concerne às performances de 'mostrar olhar' e 'mostrar interpretação'. Realizado por dois estudantes de graduação em Ciências Sociais para ser submetido como trabalho final da disciplina Etnografia e Métodos, este curta metragem aborda, por um lado, a relação entre trajetórias sociais e instituições educativas, e por outro, a transformação da subjetividade dos autores em torno à sua própria passagem, literal e simbólica, "de um lado para o outro do muro", ou seja, de uma instituição (a escola) à outra (a universidade). Se os relatos, percepções e representações de estudantes, professores e funcionários da escola são apreendidos e mostrados em cenários rígidos – cadeira, mesa e parede - essa composição se alastra também sobre o espaço de apresentação das atividades de pesquisa, sugerindo a ideia de que outras salas de aula e outras formas de contar também estão envoltas em aparelhamentos gestuais normatizadores. Deste modo, o filme se aproxima de movimentos de interdisciplinaridade e, mais que isso, destes como reflexão e material de estranhamento e familiaridade.

Como já deve ter ficado claro, não se tratou de escolher os "melhores" trabalhos, e tampouco os "mais representativos"; a seleção se norteou pelo encontro com as questões em que a comissão se balizou. Sem desatender completamente o domínio das técnicas mas entendendo que não se tratava de priorizá-lo, optamos por selecionar os trabalhos que não só dialogassem com o maior número das questões supramencionadas, mas que também colocassem novas questões não previstas por nossos editais e listas de critérios. Entendemos que este último ponto foi o diferencial que nos permitiu não somente individualizar estes dois trabalhos em relação ao excelente conjunto de inscritos, mas, principalmente, sublinhar o caráter de espaços de debate horizontal e de coletivização da produção do conhecimento que tanto o Prêmio Mariza Corrêa, quanto as Jornadas John Monteiro e a própria revista PROA têm como finalidade última.



Sem mais delongas, é com imensa satisfação e entusiasmo que convidamos leitoras e leitores a visitarem, na seção Prêmio Mariza Corrêa deste volume, o ensaio visual de Lucas Coelho Pereira intitulado *Carnaubal* (pp. 398-407), e no canal da revista Proa no YouTube, o documentário audiovisual de Mateus Rodrigues Jorge e Amanda Rocha, *O Colégio Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, na perspectiva de seus agentes - Breves notas sobre o fazer antropológico*³, ambos vencedores do Prêmio Mariza Corrêa do ano de 2020.

REFERÊNCIAS

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução: Denise Bottman. 7 ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2017.

TSING, Anna L. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Edição: Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Mostra (Audio)Visual das Jornadas de Antropologia John Monteiro de 2020, disponível em <https://www.expo.ifch.unicamp.br/portal/premiomari-zacorrea/92> [consultado por última vez em 22/07/2021].

3 Link para acesso ao filme: <https://youtu.be/5ACTMQ1Smh8>

